

UM GRANDE LIVRO

por Mário Soares

Desde jovem, que na Faculdade de Letras comecei a ter conhecimento do meu colega em Histórico-Filosóficas, mas da Universidade de Coimbra, Eduardo Lourenço. Um pouco mais velho do que eu.

Foi o meu grande amigo Joaquim Barradas de Carvalho que me falou, com entusiasmo, de Eduardo Lourenço, pela primeira vez e me fez ler alguns dos seus livros, como Heterodoxia, salvo erro da Coimbra Editora, de 1949. Não foi para mim um livro fácil, longe disso. Falava de Hegel, de Descartes e Kant, autores que eu conhecia mal dos meus estudos de filosofia. E do existencialismo, tão em moda nessa época em que eu procurava ler (mal) Marx e sobretudo Lenine e Estaline. Saudosos tempos hoje ultrapassados...

Depois li Fernando Pessoa, Rei da Nossa Baviera. As Saias de Elvira e outros Ensaios. Os Militares e o Poder, O Fascismo Nunca Existiu, O Labirinto da Saudade, A Noite Intacta (i) recuperável Antero, Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista, sobre três poetas de que fui muito amigo, Carlos d'Oliveira, José Cochofel e Joaquim Namorado (este menos, por ter um temperamento difícil, ao contrário do irmão).

Vem isto a propósito do livro que me foi recentemente oferecido pelo meu amigo José Jorge Letria de uma longa entrevista que fez a Eduardo Lourenço, intitulado "A história é a suprema ficção", da Editora Guerra e Paz.

Trata-se de um livro que se lê, num dia e pouco, com profunda prazer para quem tem uma vida ocupada como eu. As perguntas, são excelentes e as respostas de um incontestável pensador, sem dúvida, o mais profundo e actual do nosso tempo, Prémio Pessoa, dos mais graduados académicos e dos mais reputados no estrangeiro. Além disso, é de uma modéstia absoluta.

Num tempo de crise aguda em que vivemos, em que as pessoas não contam e só os mercados interessam ao Governo e quanto à cultura, zero. A verdade é que a Cultura e a Ciência portuguesas foram sempre brilhantes, até há dois anos e meio e agora deixaram de interessar aos que nos governam. Realmente deixaram quase de contar. Por isso é que aparecer um livro de entrevistas feitas por José Jorge Letria, com uma oportunidade exemplar, e respondido pelo nosso maior pensador, com a inteligência e a modéstia que lhe são reconhecidas, em Portugal e no estrangeiro, representa um fenómeno que não deve deixar de ser lido e meditado.

Portugal, ao longo dos séculos, não foi só o País das Descobertas que deram novos mundos ao Mundo. Foi sempre um País de cultura, no mais amplo sentido do termo. De cultura, de grandes escritores, poetas e cientistas. Nem podia ter sido o que foi sem isso mesmo.

Contudo, este Governo não tem vindo a destruir e a vender só o nosso património. Está a destruir as Universidades, as Escolas Públicas e tudo quanto lhe cheira a Ciência e Cultura. O Secretário de Estado da Cultura (porque não há ministro) queixou-se de não ter dinheiro, o que deve ser verdade. Mas além disso, como se viu no caso Miró - um escândalo intolerável - não soube o que dizia nem o que fazia. Revelou-se um zero.

Sem cultura, o Governo deixa de ter qualquer crédito e os discursos de Portas e de Passos Coelho, ambos de palavra fácil, não se entendem entre si e muito menos são entendidos pelos poucos que os ouvem sem desligar as televisões.

O livro de Jorge Letria e de Eduardo Lourenço é uma excepção ao actual estado de coisas e de um interesse absoluto. Por isso o apresento aos meus leitores e peço-lhes que o leiam. Creiam que não perdem tempo e ficam muito mais ricos de saber. Vale-lhes o preço e, por isso, o recomendo vivamente.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 2014